

R(E)H

CARTA A UM HUMEANO¹

Rafael Haddock-Lobo

Universidade Federal do Rio de Janeiro
outramente@yahoo.com

¹ Por opção estilística e por questão de coerência teórica, o texto aqui apresentado deve manter a forma de carta, tal qual pensado para ser apresentado, lido em voz alta e mantendo as características de informalidade fundamentais à experiência que se pretendia, naquele momento, provocar.

Por onde começar? Ou melhor, *como* começar se, ao colocar a questão do começo, já começo? Ou ainda, se o começo seria sempre, ou sempre deveria ser, começar, colocando em questão a questão do começo? Começar pelo começo, como se diz, suporia, então, que o começo desde sempre já começou e que, por essa razão, a questão do começo é, ao mesmo tempo e num só golpe, uma falsa questão e a maior de todas as questões. Contudo, estando desde sempre já lançados na questão, pois ela sempre já teve início, cabe-nos apenas entrar na questão, entrar no jogo que já está em jogo – outras palavras aqui para “escrever”.

Portanto: em primeiro lugar, *escrevo*. *Escrevo* porque escrevo como penso, ou penso como escrevo. Porque pensamento é escrita e a escrita, por conseguinte, deveria ser a questão do próprio pensar. *Escrevo também* porque, se para muitos, ou a maioria dos filósofos, a escrita seria rebaixada, perigosa, suplementar, perversa, pervertida, invertida, parasita, e tudo isso justamente por seu afastamento com relação ao significado, à intenção da alma, ao sentido, à verdade; para mim, como para alguns poucos filósofos, filósofos-escritores, diria eu, ou ainda escritores-filósofos, esse mesmo caráter secundário, suplementar e *artificial* é o que possibilita pensar a escrita, em sua distância da verdade ou de qualquer *arquia*, como algo muito mais “próximo” do verdadeiro ou do arcaico, no movimento mesmo em que apaga ou rasura qualquer verdade ou fundamento. *Escrevo*, então, pois amo o artifício e a anarquia da escrita, que solapa quaisquer estruturas autoritárias que prometam um sentido próprio, tal como a fala e o falo, dupla-face dos centrismos tão denunciados por Derrida: o fono, o logo, o falo, o etno e o carnocentrismo.

Contudo, escrevo *uma carta*. *Escrevo uma carta*, pois se pensar é escrever, tal escrita que é pensamento sempre se dá “em direção a”, num movimento entre o destino e a errância, mas que parte necessariamente em direção a um outro. E parte nessa *destinerrância* em direção ao outro não porque eu sou o autor, a origem, o *locus primevo* da comunicação; dirige-se ela ao outro, pois, antes, é, o próprio sentido, causado por essa alteridade que me toca e me põe a escrever. *Escrevo*, logo o outro existe. Assim, se pensamento é escrita, ele é, mais ainda, *envio*. Dessa maneira, eu, esse eu que aqui escreve, em nada antecede a escrita, e sendo ele, ou eu, muito mais um rastro que acontece *no* próprio escrever, só podemos falar de algum sujeito se esse for pensado como o próprio endereçamento ao outro que é, contudo, pelo outro provocado. Um rastro entre tantos outros rastros de rastros que se entrecruzam numa tecitura infinita, aberta e anterior a qualquer jogo possível, quase como a textura do jogo dos jogos.

Mas uma carta é sempre também *uma carta de amor*. Seja o destinatário o amado ou não, pois o escrever-pensar não é nada mais do que o próprio endereçamento a esse outro ao qual se desejaria sempre tocar, atingir, fazer-se compreender, ser entendido, tornar-se, portanto, objeto de amor através do papel que se endereça ao objeto de amor. Nesse sentido, escreve-se

uma carta, pois *há amor*: amor ao que escapa, ao que antecede e excede, ao que não cabe nem nunca caberá no papel ou no tempo – porque se ama o próprio escrever e o próprio escapar.

E, nesse sentido também, sabe-se desde Poe a Lacan e Derrida que uma carta sempre se dirige a alguém, conquanto bem determinado, singular, mas que não se encontra aí, presente, em nossa frente. A carta, nesse sentido, *envio amoroso*, suplementa o face-a-face: o diálogo que em presença não se dá, uma outra possibilidade de toque amoroso, de envio fantasmático, que anuncia, ao mesmo tempo, contato e distância, sincronia e anacronia, ruptura espaço-temporal de um encontro que se dá no *desejo de envio*. Talvez, em uma perspectiva da desconstrução, trate aqui da mais verdadeira e possível forma de comunicação, porquanto carregue em si a marca da impossibilidade e da representação, da impossibilidade de representação e da representação da impossibilidade, do amor irrepresentável e incomunicável, inexplicável sempre, pelo outro, pelo real, e pelo singular.

E mais: escrevo aqui uma carta *para um humeano*. Não uma carta para um humeano em geral, um humeano abstrato e inexistente – escrevo para um humeano singular, pois é este, apenas este, que me convoca à escrita e que me faz, de modo sincero e dedicado, me lançar nesse envio. Escrever, portanto, seria tentar fazer justiça à singularidade de um acontecimento, um gesto singular que envolve um encontro de singularidades – e a questão do *encontro* já se antecipa aqui. Mas, avessa às generalidades, qualquer escrita desconstrutora deve evidenciar o gesto singular de toda e qualquer relação. No entanto, esse “um” humeano que aqui me convoca não pode nunca ser tomado como “o” humeano – pois tal seria o gesto de, em primeiro lugar, tornar essa escrita absurdamente autoritária, pois o singular é tão somente um caso, nunca o paradigma; e também porque, essa relação singular, única, talvez possa ser pensada para além do caso, como se possibilitasse o seguinte exercício: se escrevo para tocar o coração de um humeano (pois talvez seja essa a melhor definição possível de pensamento, tentar *talvez* – sempre talvez – tocar o coração de outrem), talvez, de outras maneiras, distintas, mas também singulares, meu envio que aqui construo poderia tocar alguns outros corações humeanos. Não na forma da fórmula ou do axioma, mas por certa proximidade de corações, por aproximações de experiências próximas conquanto incompartilháveis, na forma do exercício por se tentar estar no lugar do outro, de um outro com quem consigo, a partir desse esforço, compartilhar aquilo que impossibilita o próprio compartilhamento.

Mas levando em consideração que não posso escrever nem para um destinatário desconhecido (pois sou alérgico a generalidades), nem para um paradigmático humeano (pois nem esse nem aquele existem), só posso me dirigir para *aquele*, existente, que me faz de fato pensar: o que escrever para tal humeano? Um humeano, que aqui e agora serve de pré-texto para uma escrita que, no entanto, é, e sempre foi, desde o primeiro encontro, para ele. Um

encontro ao acaso e daqueles que são únicos, pois marcam toda uma vida, a vida então presente, hoje dividida, a vida futura, num porvir à época não imaginável, e remarcam também a vida passada, da qual parece desde então ter sempre feito parte, mesmo e sobretudo antes de seu aparecimento. Talvez, a pretextualidade desse envio seja a única possível, ou ao menos a única que consigo performatizar aqui e agora, quando tento, ao menos para mim, ter claro que a única coisa que aqui pretendo fazer seja apresentar ou representar a escrita como *encontro*.

Outra questão, genérica no sentido mais interessante dos gêneros, parece aparecer aqui, nesse prelúdio a essa carta que nunca começa: o que escrever para uma humeana? Uma humeana cujo encontro também se deu por acaso, e o qual se fez marcar imediatamente por uma grande *simpatia* (e aqui grifo o termo, talvez o único termo de Hume que consigo ousar dizer que, se não conheço, intuo, ou melhor, percebo). O que escrever a ela, que me convida aqui a escrever, que me convida aqui a escrever sobre a escrita, pois foi minha escrita que fez com que ela me convidasse aqui a escrever, e que, portanto, mesmo sem o saber, ou já o sabendo muito bem, pois sua sabedoria não se limita de modo algum ao conhecimento, me convida a escrever sobre a escrita, escrevendo para um humeano? Ou melhor: o que escrever sobre a escrita para uma humeana que me convida a escrever para um humeano?; ou, melhor ainda: o que escrever para um humeano como uma resposta a um convite de uma humeana? – humeana esta que, aqui, também representa outro aspecto fundamental da constituição da escrita ou do pensamento: *o convite*.

A única possibilidade de responder que encontrei foi: simplesmente escrever. Responder nessa escrita que tenta responder sem responder (pois para essas grandes perguntas não há resposta); ou ainda corresponder à convocação sob um ponto de vista “úmido” (pois tal foi o que me parece ter sido a entrevisão que me fez estar aqui: a “ideia” do “úmido” ou de um “pensamento” que se pretende contaminado por traços de “umidade”). Então, *umidamente respondo*. Pois responder de modo úmido pode ser aquilo que, de modo mais ordinário e inautêntico, eu posso encenar como “meu”. Juntando peças tal como um mosaico benjaminiano, catando restos tal como a sabedoria de Estamira, numa resposta bordada com tantos e tantos fios que herdo de filósofos e professores, vivos e mortos, que me constituem através dessa paráfrase.

Foi meu querido professor Danilo Marcondes quem me despertou para pensar o úmido, ao me apresentar uma linda passagem descrita por Francis Bacon em seu *Novum Organon*. Em sua perspectiva, de modo crítico e com a intenção de que a filosofia evitasse o uso de certo tipo de palavra, em nome de um pensamento rigoroso, toma como exemplo o termo “úmido”, numa descrição que, muito ao contrário do que parece ter sido a intenção de Bacon, me pareceu como um dos maiores elogios, de modo belo e único, ao que seria o elemento mesmo do próprio do

pensar. Para ele, o úmido seria tudo o que se expande facilmente em torno de outro corpo; que é em si mesmo indeterminável e não pode ter consistência; aquilo que facilmente cede em todos os sentidos; que facilmente se divide e dispersa; que se une e junta facilmente; aquilo que facilmente adere a outro corpo e molha; e que facilmente se reduz a líquido, se antes era sólido. Essas lindas palavras, mesmo sabendo que para o filósofo isso determina aquilo que seria indesejável ao pensamento, me fez pensar que talvez a minha tarefa filosófica naquele momento fosse enxergar e apontar a necessidade de se fazer justiça a essa *umidade* que, mesmo que não se a considere o elemento mesmo do pensar, poder-se-ia tomá-la como aquilo que move, provoca e portanto institui ou constitui a atividade reflexiva. Desde então, como desde sempre fora, só que me havia esquecido disso ao longo de toda minha “formação filosófica”, escrever se tornou, a meu ver, não só o tema mais fundamental, mas o *ato* mais fundamental: pensar a umidade da escrita é ao mesmo tempo escrever a umidade do pensamento, e, para isso, tanto o pensar como o escrever, devem ser atividades marcadas pela contaminação disso que escapa à forma do “isto ou aquilo”, à economia desse “ou” que marca o dualismo, a oposição e, por conseguinte, a hierarquia.

E aqui estou, agora, nesse encontro Hume, entre humeanos, diante de tanto corações, elegendo apenas um para responder ou corresponder, embora sabendo que tanto a resposta como a correspondência será sempre ingrata, pois nunca se responderá ou corresponderá *de fato*, já que nunca se estará à altura da convocação; e, não obstante, também levando em consideração que, por ser da ordem do dom ou do acontecimento, para além da correspondência desejada ou da resposta requisitada, o *gesto* que aqui enceno pode provocar tantos outros encontros que nunca sequer poderia se esperar. Pois essa é a principal característica de uma carta, como bem se sabe: apesar de seu endereçamento ao destinatário, ela pode bem chegar a qualquer um, e de maneiras tão outras que de modo algum se poderia prever. Nesse sentido, essa também é a cena de uma *carta de naufrago*: garrafa que lanço ao mar à espera de alcançar meu porto seguro, mas sabendo que são os ventos, as ondas e as marés que decidirão.

E ainda mais, e talvez, sobretudo, ecoando Magritte, que ecoou em Foucault, sabemos muito bem, *isso não é uma carta*. Trata-se aqui de uma representação, uma encenação, uma demonstração pública de algo que deveria dizer respeito à esfera do privado, como para embaralhar também essas fronteiras, e não apenas àquelas entre o escrever e o pensar, o emissor e o destinatário, a forma e o conteúdo, o significante e o significado, o intelectual e o emocional e assim por diante. Todas essas fronteiras, esses limites pretensamente precisos, quando *o úmido* entra em cena, são perturbados em seu jogo mais íntimo, e o exercício dessa escrita, público-privado, pode ser uma das características que mais precisamos afirmar em nome da “umidade” que sempre escapa – *inside out / outside in*.

Todavia, outra possibilidade ainda de começo poderia ser, ou talvez em um *encontro* como esse, deveria ser, eu começar – supondo que não comecei ainda, ou se teria, além disso tudo que já disse, algo a dizer – por perguntar, aqui, diante de vocês todas e me endereçando a um humeano: o que é um *encontro*? É possível haver *um* encontro? Um encontro envolveria eu e outro, na ordem do dois? Ele seria da ordem do público ou do privado? Onde se dá o encontro? Onde ele acontece? Tais questões e suas possíveis respostas já foram antecipadas, mas gostaria aqui de recorrer a uma passagem que envolve uma verdadeira *amizade filosófica*, a de Lévinas e Derrida. Ambos traduzem sua relação filosófica como o prazer de um contato no coração de um quiasma. Derrida, ao pensar esse encontro que Lévinas, antes dele, descrevera como tal contato no coração do quiasma, chega a problematizar a possibilidade desse encontro, ou melhor, a colocar em questão se o termo “encontro” caberia bem nesse caso, se “encontro” for pensado como algo da ordem da correspondência, do consenso, do diálogo, do dois que se faz, ainda que momentaneamente, um. Mas, afirma que, é certo, há *contato* e, no contato quiasmático, certamente *coração*. Coração, portanto, como o lugar do encontro, do contato, ainda e sobretudo se quiasmático, marcado pelo X de qualquer cruzamento de amores e pensamentos.

Portanto, de novo, *o coração* – sempre ele, quando escrevemos sobre escrever-pensar. Mas agora, o coração que tem lugar *no* quiasma ou que dá lugar, abriga e envolve o próprio quiasma. O encontro se dá no coração, o contato só pode ser de coração, mas não em qualquer coração, e sim no coração do “x”, ou no “x” do coração: *um encontro no coração do próprio encontro*. Entretanto, como antecipei, tal encontro-x, quiasmático, em nada se compararia ao modelo dialógico, dialético ou qualquer outra fórmula que prometa a comunhão ou encaixe, nem que seja como teleologia. O “x” desencaixa, brisura, tensiona, fricciona: nunca poderá ser pensado como encontro copular ou acoplado, tal como descrito por Platão na fala de Aristófanes. Talvez, se quisermos permanecer em solo grego, “encontro” seja algo muito mais próximo daquele de Édipo com Laio – e talvez o “x” da coisa em si de Kant, o “x o indizível do mundo” de Nietzsche, o Ser de Heidegger grafado sob a rasura do “x”, os quiasmas de Lévinas e Derrida, e mesmo o “x” da *Água viva* de Clarice, todos eles sempre tenham feito ecoar esses encontros nas encruzilhadas.

Uma ressalva apenas: o que Édipo parece não ter sabido ou compreendido, mesmo com a sabedoria dos oráculos, e talvez por isso seu encontro no coração do quiasma o levara à sucessão de problemas que culminam com a cegueira, isso pode ser aprendido do outro lado do Mediterrâneo, abaixo da linha do Equador, com “os negros”, aqueles a quem os europeus acreditavam não ter saber razoável, não ter luz, lucidez. Muito nos ensinam eles sobre os encontros, pois conhecem tão bem as encruzilhadas: devemos saudá-las! É *crucial* a saudação

a essa figura mais do que filosófica que marca o encontro dos caminhos: *Esù*. É nesse “x” que habita o orisà do corpo e, portanto, das perspectivas – e deve ser necessariamente saudados, pois, sendo aquele que promove a discórdia, as intrigas, as desavenças e mesmo as contendas mais brutais, é ele, também, a entidade que possibilita a *comunicação*, o encontro. Deus do corpo e do movimento, da dança, que é corpo em movimento, saudado com seu padê e sua cachaça, baila na encruzilhada e abençoa os encontros, os mais potentes, *no coração do quiasma* – e não aqueles que, falsa ou ingenuamente, acreditam e defendem o consenso ou a possibilidade de, sem força, sem coerção, sem o exercício de autoridade, haver tal comunidade. Não são esses, mas aqueles que se encontram nas formas de “x” os únicos que podem proporcionar que algo novo aconteça: para além das expectativas, para além do calculado, para além da ordem do mesmo. Pois é *Esù* aquele que não cabe no princípio de não-contradição, que não corresponde à lógica desse ocidente que quer se marcar de modo consensual; é ele quem marca a tensão e a possibilidade de isto e aquilo habitarem ao mesmo tempo no pensamento sem se ordenarem de modo opositivo e hierarquizante.

Saudando as entidades dançantes dessas muitas encruzilhadas que aqui nos rondam, brindo-as, e danço com elas, como numa coreografia sem lugar que só me arrisco a ensaiar quando escrevo. Pois *pensar-escrever-enviar* é também *dançar*, mas uma dança que deve também esforçar-se por desabitar a geografia. Se aquela escrita que Bacon denunciava se dava em defesa de uma escrita tida por rigorosa, científica, filosófica (análise, classificação, ordenação, demonstração, descrição, entre outros tantos mitos nos quais a filosofia parece ainda querer se apoiar), podemos muito bem pensá-la como algo da ordem da *topografia* ou *topologia*. Mas será que não poderíamos pensá-la, de modo diferente, como uma coreografia? Pensar a *khôra* ao invés do *topos* como a metáfora mais confortável para o lugar da filosofia, é repensar a relação, portanto, que se tem, aqui também, com a *grafia*, que não sendo mais a descrição topológica da indicação precisa dos lugares, passa a ser vista como errância, ou como o “élitro que flutua”, nas palavras de Derrida. Ao trazer a imagem de uma pequena asa de inseto que cai, de modo não-previsível, sem rumo certo, nem aqui nem lá, mas aqui e lá, num baile desterrante, o filósofo, também nascido do outro lado do Mediterrâneo, um ser-da-colônia, nos faz pensar no movimento da dança-escrita, como a da pena que passeia e rabisca o papel, e que hoje se mostra ritmadamente pelos toques dos dedos no teclado.

E a escrita-dança que aqui se pretende *carta*, e mais, uma *carta a um humeano*, deve, por tudo isso, se fazer marcar por certa *experiência* de escrita – palavra essa, “experiência”, tão cara ao humeano como ao derridiano que aqui escreve. Mas o que seria essa “experiência”, em termos de desconstrução, se a relação com isto que escapa, o real, é sempre, e em certa medida, uma experiência precária, provisória, parcial, de alguns rastros que se nos apresentam? E como

representar essa experiência, se isso que escapa é irrepresentável e, por isso, a própria experiência de escrita é ela também fugidia e dispersa?

Uma grande lição epistemológica talvez nos seja ensinada por Riobaldo, cuja vida é travessia e em cujo atravessamento se dá o real. Diz ele que devemos atravessar um rio a nado, achando que vamos dar em algum lugar na outra margem; mas devemos sempre saber que chegaremos em um ponto bem diverso do que aquele que antes pensamos. Tal ensinamento do jagunço aposentado, que, em sua filosofia de “range-rede” consegue agora especular ideia, vem do fato de que a experiência se dá em meio ao contraditório perigoso do real, e que, por essa razão, nossa experiência será, portanto, ela também, contraditória e perigosa, de pertencimento e não-pertencimento, de familiaridade e estranhamento, de ser e de não-ser, como tantos devires-outros que se expressam na escrita literário-filosófica: desde a entrada no rio de Heráclito, no fluxo constante, circular e duplo que o filósofo de Éfeso parece trazer às águas de Tales; ou então como o mergulho no mar de Lori – não a *Lorelei* dos hinos germânicos, mas a Lorelei de Copacabana, que Clarice tão bem descreve em sua *Aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Possivelmente bem mais da linhagem da sereia do *Mar morto* de Amado do que dos seres do Rio Reno, ou mais ainda do que de seus antepassados gregos – os quais, também, assim como ela, tiveram seus encontros com Ulysses – Lori, ao mergulhar no mar, vivencia *a experiência*: o mar, puxando-a e empurrando-a, como atestando seu pertencimento e não pertencimento em seu ambiente mais próprio. Experiência a qual, todos nós, seres anfíbios, compartilhamos na travessia do real.

E é em nome dessa experiência mesma, a mais radical, ainda que parcial e aporética, que a escrita filosófica deve, ou deveria, se configurar de outro modo: não mais na tentativa de representar as coisas, de pretender dar conta, esgotar o real; mas, talvez – e sempre talvez como nos ensina Derrida – nesse movimento que não pretende dar conta das coisas, que abre mão desse impulso faminto por aprisionar os entes, a escrita filosófica possa, enfim, representar o que há de mais real em todas as nossas experiências: não as coisas, mas o mergulho, a travessia, o jogo mesmo do real que de algum modo se representa tão mais verdadeiramente quanto menos se pretende representar.

Acredito, pois pensar-escrever, também, e sobretudo, é da ordem do *acreditar*, que tal tenha sido o motivo de meu convite para estar aqui hoje, encenar esse mergulho, jogar aqui diante de todas, mas fazê-lo tendo alguma direção prévia, como tão bem ensinam as veredas de Rosa, ainda que soubesse – pois isso eu aprendi muito bem com Riobaldo – que iria dar em uma banda bem diferente nessa travessia. Talvez, certa humeana que aqui me convoca, e me convoca a falar para humeanos, tivesse em mente que este envio, aquilo que acredito ter como mensagem a ser enviada, devesse, em primeiro lugar, se dirigir a *um* humeano: talvez, querendo

tocá-lo, em seu coração, possa também atingir alguns outros, pois daria, aqui, o que acredito ser o melhor de mim.

E é isso que aqui tentei fazer. Com amor, *with love, from me to you*.

PS. Mas antes de terminar, talvez para também responder à questão “como terminar?”, já que, se não há começo determinado também não há fim necessário, conclusão, bater de martelo ou qualquer outra atitude fática possível, como um *post scriptum* a essa carta, queria relembrar algo: Um presente, pequeno como todo grande presente, que uma humeana certo dia me deu. O presente veio na forma de três pedrinhas: uma branca e uma preta, para mim, e uma verde, uma esmeralda enviada a um humeano. Conversando sobre nosso hábito de colecionadores, isso me fez repensar meu amor pelas pedras, que aqui assumo, exponho e exploro.

Meus encontros com essa humeana sempre se marcaram por encontros *crystalinos*: em um primeiro momento, me fez pensar sobre meu hábito de colecionar pedras, qualquer uma que fosse, desde a minha infância – passear sempre foi, e ainda é, catar pedrinhas dos lugares que me marcam; mais tarde, na adolescência, naquela fase mística que muitos tivemos como reação ao pragmatismo da “geração coca-cola”, começava a estudar sobre a magia dos cristais, sobre a força espiritual das pedras; um pouco mais tarde, e antes de ingressar na filosofia, quando começo meus estudos de geologia, meu gosto pelas pedras, agora conceitualmente chamadas “rochas” ou “minerais”, torna-se, por assim dizer, científico: na tentativa de estudar qual a composição desses entes que são o substrato do mundo, como se forma sua estrutura, e qual sua dinâmica ao longo dos tempos. As pedrinhas, como as pedrinhas miudinhas de Aruanda, como canta Bethânia, que eu apanhava no chão, normalmente por sua forma arredondada, como os otás, as pedras de rio que no Candomblé magnetizam o poder dos Orixás, tornaram-se, em um primeiro momento, objetos de especulação alquímica para, em seguida, se tornarem conceitos científicos. E aqui fica uma questão: como hoje, para retribuir o presente que uma humeana me deu, me fazendo pensar sobre as pedras, posso pensar a relação de meu lugar na filosofia com pedras, cristais, rochas e minerais?

A mesma humeana, em nosso último encontro há pouco mais de um mês, me presenteou com a resposta. Citando Locke, ela me dizia da importância de, para o filósofo, se lapidar lentes e gemas. E, me adivinhando uma vez mais, como antes me decifrara através de meu nome, nesse último encontro, ela me diz que minha relação com a Modernidade não passa pela filosofia, mas sim pela geologia.

O filósofo egípcio Ptah Hotep, ao falar da arte que depois seria chamada “filosofia” pelos gregos, diz que a *rehket*, a arte de encontrar a palavra certa, é mais rara do que a

Esmeralda – a pedra verde tão sagrada para os egípcios, e que levei comigo como presente de humeana para humeano. Pois sim, *filosofia* e *gemas*, uma relação que ainda *devo* pensar melhor, mas, arriscando aqui uma pequena aposta, apenas para presentear uma humeana, tenha sido na geologia que encontrei primeiramente minha necessidade de conhecer as composições, as estruturas e as possibilidades de jogo entre os elementos – uma proximidade muito maior com a química, portanto, do que com a física. E, talvez, tenha sido esse amor pela química do real que me fez me aproximar de Derrida e daquilo que depois chamaria de “úmido”. Porque o que a geologia ensina é que a beleza do cristal se dá a partir de suas impurezas: sua cor, seu brilho, suas nuances sempre são provenientes de elementos que não comporiam sua estrutura simples e pura, seu transcendental; é a contaminação por um outro aquilo que constitui a beleza *mineral*, aquilo que desde minha infância tanto amei e tanto tentei agarrar através de cada pedrinha.

E talvez, e por fim, eis o que me ensina sem saber, ou sabendo muito bem, uma humeana: que a força e a vividez de meu encontro com um humeano, em termos de vida e de pensamento, pois pensamento é vida, podem se intensificar muito mais através desse meu amor geológico-desconstrutor que essa escrita encenada aqui tenta *lapidar*. Pois meu amor pelas pedras sempre foi o amor pela diferença, pela beleza daquilo que faz ultrapassar o par metafísico opositivo e hierarquizante do puro e do impuro, como aquela minha dificuldade em escolher entre a pedra branca e a preta que ganhei de uma humeana. Desconstrução como desconstrução dessa racionalidade que se pretende pura e que, por isso, se constrói de maneira a opor tal coisa de tal coisa, constringendo-nos a optar entre uma delas; desconstrução, enfim, esta com a qual me reencontro, hoje, respondendo ao convite de uma humeana, através desse elogio às cores das gemas que pretendo aqui, diante de vocês, estar polindo, e que ofereço, agora, publicamente e de coração, a um humeano.

Maricá, julho e agosto de 2017.

